

As ações do Programa de Inclusão Sociocultural

Gabriela Aidar

Núcleo de Ação Educativa
Pinacoteca do Estado de São Paulo

O Programa de Inclusão Sociocultural do Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca tem por objetivo tornar o museu cada vez mais acessível a diferentes públicos.¹ Neste sentido, visa promover o acesso qualificado aos bens culturais presentes no museu a grupos em situação de vulnerabilidade social, com pouco ou nenhum contato com instituições oficiais da cultura, como museus.² O Programa busca ainda contribuir para a promoção de mudanças qualitativas no cotidiano desses grupos e para a formação de novos públicos de museus.

Neste ponto, faz-se relevante esclarecer o uso que fazemos do conceito de inclusão social, uma vez que nos últimos anos este termo tem sido usado recorrentemente para diferentes fins e com propósitos os mais variados. Em nossa prática, ao utilizarmos o conceito de exclusão social, nos referimos aos processos pelos quais um indivíduo ou grupo tem acesso limitado às ações, sistemas e instituições tidas como referenciais e consideradas padrão da vida social, e por isso encontram-se privados da possibilidade de uma participação plena na sociedade em que vivem. Esses indivíduos ou grupos,

¹ Utilizamos o termo *acessibilidade* em sua ampla acepção, envolvendo não apenas as questões ligadas à promoção de *acesso físico*, por meio da garantia de circulação e afluxo de público às instituições, mas também - e especialmente - envolvendo questões ligadas a aspectos intangíveis do contato com os museus, como aqueles ligados ao *acesso cognitivo*, ou seja, ao desenvolvimento da compreensão dos discursos expositivos, e ao que podemos chamar de *acesso atitudinal*, por meio do desenvolvimento da identificação com sistemas de produção e fruição, e da confiança e prazer pela inserção no espaço do museu. (CHIOVATTO; AIDAR; SOARES; AMARO, 2010.)

² Segundo a coleção **Cadernos de Políticas Culturais. V. 3. Economia e política cultural: acesso, emprego e financiamento**, 2007, 78% dos brasileiros nunca vão a museus. Dentre esses, uma percentagem maior, 83% de pessoas da classe D/E, não frequenta esse tipo de instituição cultural.

quando se encontram socialmente vulnerabilizados, podem enfrentar diversas e simultâneas situações de exclusão: a perda de **direitos** pela exclusão de sistemas políticos, a perda de **recursos** pela exclusão dos mercados de trabalho e a deterioração das **relações pessoais** pelo enfraquecimento de laços familiares e comunitários, ficando, assim, sujeitos a um contexto de privação múltipla.³ A essa situação podemos acrescentar, ainda, o enfraquecimento de **sentimentos de pertencimento e reconhecimento cultural** pela exclusão dos circuitos e instituições da cultura oficialmente instituída. Para combater esse complexo quadro de exclusões, é necessária uma atuação em rede que perpassasse serviços sociais civis e governamentais, e meios que possibilitem a participação política, econômica e cultural dos grupos em questão.⁴

Apesar da enorme variedade que o termo “situação de vulnerabilidade social” implica, especialmente na sociedade brasileira, os grupos atendidos pelo Programa têm em comum, além do fato de estarem vulnerabilizados, em sua grande maioria, por condições de pobreza⁵, o fato de estarem vinculados a iniciativas da educação não-formal.

O Programa teve início em 2002, a partir da percepção da descontinuidade entre o que acontecia dentro e fora da Pinacoteca. Nesse ano realizamos uma pesquisa de perfil de público espontâneo cujos resultados comprovaram uma situação que podia ser percebida no convívio diário com o museu e seus visitantes: que estes possuem um

³ DE HAAN, Arjan e MAXWELL, Simon (eds.), “Poverty and social exclusion in North and South”. *International Development Studies Bulletin*, v. 29, n.1, 1998, p. 3. (Apud AIDAR, 2002, p. 54.)

⁴ CHIOVATTO e AIDAR, 2009, p. 3.

⁵ Apesar de sua adoção pelo Governo Federal, o termo *situação de vulnerabilidade social* não é consensual nem pode ser entendido como sinônimo de carência de renda. Adotamos no Programa sua compreensão como uma *situação de violação de direitos*, conforme expresso na “Política Nacional de Assistência Social – versão oficial”, (**Revista Serviço Social & Sociedade**, 2004), e no artigo de Francisco de Oliveira “A questão do estado – vulnerabilidade social e carência de direitos”, (**OLIVEIRA, Cadernos Abong**, 1995.)

perfil bastante específico e privilegiado, com altíssima escolaridade e renda familiar entre média e alta, além de não serem moradores do entorno ou mesmo de regiões próximas ao museu, distinguindo-se, assim, do público que frequenta seus arredores.⁶

A Pinacoteca está localizada dentro do Parque da Luz, no chamado centro antigo da cidade de São Paulo, uma área com boa infraestrutura de serviços e equipamentos públicos e privados, mas que conta, ainda assim, com populações vivendo em condições precárias de subsistência, similares às de áreas periféricas empobrecidas da cidade, e que atualmente passa por um controverso projeto de revitalização urbana.

Como forma de estabelecer relações construtivas com os grupos vulnerabilizados do entorno do museu, iniciamos as ações do Programa com a realização de um mapeamento das organizações sociais da região que poderiam vir a ser parceiras para os trabalhos, e com a participação em algumas iniciativas comunitárias que congregam agentes e entidades locais, por meio das quais pudemos conhecer melhor as questões e demandas da região e os potenciais parceiros. Assim, as ações educativas do Programa tiveram início com grupos do entorno da Pinacoteca, e atualmente trabalhamos com diversos grupos da região central, ainda que não exclusivamente.

O Programa desenvolve ações educativas continuadas junto a grupos de diversas faixas etárias, como aqueles em situação de rua; moradores de habitações precárias, como cortiços e ocupações; cooperativas e grupos de artesãos voltados à geração de renda; jovens e crianças de setores populares participantes de projetos socioeducativos; educadores sociais, entre outros.

Entre seus principais objetivos estão a ampliação do repertório e da noção de pertencimento cultural dos indivíduos, o desenvolvimento de sua percepção estética – subsídio para suas criações e para o fortalecimento de sua capacidade crítica –, a promoção de oportunidades de diálogo que estabeleçam a autoconfiança nos

⁶ Pesquisa de perfil de público visitante da Pinacoteca - **Você e o museu** (2002).

participantes e a aquisição e o manejo de conhecimentos e habilidades cognitivos, emocionais ou vivenciais. A estes, podemos ainda acrescentar nosso propósito em colaborar para a promoção da equidade, por meio de ações que articulem a educação e a cultura.⁷

Atualmente, desenvolvemos cinco frentes de trabalho a partir das seguintes ações:

1. parcerias e visitas educativas aos grupos;
2. curso de formação para educadores sociais;
3. pesquisas de público e avaliações;
4. ação educativa extramuros;
5. publicações.

1. Parcerias e visitas educativas aos grupos: estabelecemos parcerias com organizações que desenvolvam projetos socioeducativos a fim de realizar visitas educativas continuadas à Pinacoteca, modeladas segundo demanda e perfil dos grupos, com constante avaliação e acompanhamento dos resultados. Nesse sentido, o primeiro passo é o estabelecimento de uma parceria com organizações que já desenvolvam alguma ação socioeducativa com os públicos-alvo.⁸ Junto aos parceiros, definimos os objetivos da parceria, planejamos uma série de visitas educativas que venham a

⁷ “O princípio da equidade é tratar de maneira distinta os que não estão em condições de igualdade, exatamente para que sejam construídas relações justas. Em sociedades com longo passado de escravidão, como a brasileira, a sociedade assume papel decisivo na promoção da equidade e redução das desigualdades. Pessoas em desvantagem econômica necessitam de mais recursos públicos do que as economicamente favorecidas para ter garantidos os mesmos direitos, pois foram alijadas do acesso a bens e serviços públicos. Assim como nem toda igualdade é justa quando não considera as diferenças, nem toda desigualdade é injusta quando visa reduzir a iniquidade. Um tratamento desigual é justo quando beneficia os mais vulneráveis.” (CARVALHO, 2005, p. 21.)

⁸ “Se o museu deseja trabalhar com grupos de excluídos, isto será possível por meio do estabelecimento de parcerias com organizações às quais eles estejam vinculados, como cooperativas, ONGs e serviços de assistência social, uma vez que será a partir do conhecimento das especificidades e necessidades dos grupos, proporcionado pelo vínculo da parceria, que os educadores do museu poderão desenvolver ações que criem sentido e utilidade para os grupos atendidos, dando ‘visibilidade’ e relevância ao museu.” (CABRAL, 2006, pp. 6 e 7.)

responder às demandas de cada grupo e se somem às atividades já desenvolvidas pelas instituições de origem, pois, assim, o contato com o museu não é desvinculado do trabalho ou processo educativo que se realiza na instituição de origem, devendo sempre enriquecê-lo e também relacionar-se ao cotidiano dos grupos. Neste ponto, nos valem das ideias propostas pela teórica inglesa da educação em museus Eileen Hooper-Greenhill, ao argumentar sobre a importância de se considerar as comunidades interpretativas a que pertencem os grupos ao se propor as ações educativas, a fim de gerar experiências que sejam de fato significativas e promovam o desenvolvimento dos educandos.⁹

Para constituir um corpo de trabalho e obter impactos mais significativos, as visitas devem constituir uma série, ou seja, atuamos de maneira continuada junto aos grupos. Dessa forma buscamos favorecer a incorporação do museu no cotidiano dos participantes e minimizar sua percepção como uma instituição alheia à sua realidade. Ainda que cada parceria tenha objetivos e resultados particulares, de acordo com o perfil dos grupos e o trabalho socioeducativo realizado nas organizações parceiras, existem procedimentos de trabalho comuns a todas as ações. Entre eles estão a adequação do foco das visitas educativas ao museu para abordagens vivenciais, de caráter mais prático que teórico; a construção de ações a partir do repertório de experiências e conhecimentos dos grupos, ou seja, em diálogo com os referenciais de suas comunidades interpretativas; o empenho em fazer com que as descobertas advindas dessas ações possam ser aplicadas em aspectos concretos da sua vida cotidiana; o estímulo a leituras de obras/imagens que facilitem as interpretações e resgates de memória dos indivíduos, buscando com este processo que se desencadeie

⁹ Segundo a autora, as comunidades interpretativas podem ser identificadas por grupos que compartilham as mesmas estratégias interpretativas, ou seja, por grupos que atribuem sentidos utilizando-se de estratégias interpretativas comuns. “É dentro das comunidades interpretativas que a construção de significados de um indivíduo é testada, apoiada e desenvolvida. A comunidade interpretativa impõe limites ao mesmo tempo em que possibilita a construção de significados.” (HOOPER-GREENHILL, 1994, pp. 13 e 50.)

a atribuição de sentidos e a construção de conhecimento próprios do grupo; a realização de atividades de proposta poética¹⁰ com resultados capazes de criar, para os grupos, a sensação de materialização dos sentidos e conhecimentos atribuídos durante as leituras das obras; e o desenvolvimento de processos formativos que possibilitem aos educandos a mediação junto a seus pares, estimulando sua apropriação dos espaços e conteúdos do museu. Atualmente, os educadores que atuam nas visitas educativas aos grupos no âmbito do Programa são Luis Roberto Soares e Danielle Amaro.¹¹

2. Curso para educadores sociais: consiste em uma formação para educadores atuantes em ONGs e serviços de assistência e desenvolvimento social públicos ou privados que desenvolvam programas socioeducativos. Em nossa prática cotidiana com educadores sociais atuantes com os públicos-alvo¹², percebemos um relativo desconhecimento acerca das potencialidades educativas dos museus, o que nos indicou a necessidade de promover uma formação a fim de ampliar sua percepção acerca dos potenciais da educação patrimonial, da educação em arte e dos equipamentos culturais como subsídios e/ou geradores para suas práticas socioeducativas. Uma idéia-chave para esta formação é a de *apropriação* do museu, seus procedimentos e conteúdos por parte dos educadores participantes.

Assim, desde 2005 desenvolvemos um curso de formação para educadores sociais que tem como objetivo dar subsídios para a elaboração, execução e avaliação de projetos

¹⁰ Em nossa prática no Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca definimos as propostas poéticas como atividades lúdicas e/ou plásticas que visam tornar vivências e concretas descobertas e conhecimentos cognitivos e perceptivos estimulados pela visita ao museu e leitura de imagens.

¹¹ Os estagiários do Programa de Inclusão Sociocultural em 2010 são Danilo Palomares Rodrigues, Gabriela da Conceição Silva e Larissa Buran.

¹² Chamamos educadores sociais, os profissionais atuantes em projetos socioeducativos da educação não-formal, ligados a organizações sociais públicas ou privadas.

educativos voltados à inclusão sociocultural dos grupos com os quais atuam, a partir das potencialidades educativas da Pinacoteca. A formação propõe a elaboração e posterior aplicação de projetos educativos que articulem a prática desses educadores às potencialidades da Pinacoteca e de outros equipamentos culturais, estimulando as parcerias e o uso qualificado dessas instituições por parte dos educadores sociais.¹³

O curso, atualmente em sua sexta edição, possui uma abordagem teórico-prática e se divide em 17 encontros que totalizam 51 horas/aula, para turmas entre 25 e 30 educadores cada.¹⁴ Entre seus conteúdos - que por sua abrangência são tratados de forma introdutória, a fim de sensibilizar os participantes para suas questões principais - , estão discussões sobre o que é o museu e qual sua função social; diferentes conceitos de arte; aspectos da ação educativa em museus e metodologias contemporâneas de ensino da arte; conceitos de exclusão e inclusão social e sua aplicabilidade aos museus; visitas ao acervo da Pinacoteca para reflexão sobre seus potenciais educativos; aspectos da leitura de imagens; desenvolvimento de recursos educativos em arte; sistemas de avaliação para ações socioeducativas e construção de projetos educativos. Os encontros ainda prevêem a apresentação dos projetos desenvolvidos pelos participantes.

Um diferencial dessa proposta em relação a outras formações com objetivos similares é sua perspectiva de aplicabilidade, uma vez que prevê em sua proposta a aplicação e acompanhamento dos projetos desenvolvidos a partir do curso. Assim, projetos educativos de participantes das edições anteriores seguem sendo aplicados pelos educadores e acompanhados pela equipe do Programa, seja na organização conjunta de visitas educativas ao museu, ou por meio de reuniões de planejamento e avaliação

¹³ AIDAR, 2008.

¹⁴ Em cinco edições contou com o apoio do Instituto Minidi Pedroso de Arte e Educação Social e em 2008 contou com o patrocínio do Banco Real, o que garantiu sua gratuidade e outros apoios aos educadores participantes.

processual das ações. Entre 2005 e 2010 tivemos 6 edições do curso, que contaram com 166 participantes, oriundos de 158 diferentes organizações sociais.

3. Pesquisas de público e avaliações: no âmbito do Programa realizamos duas pesquisas de público que consideramos geradas e geradoras de nossa prática. A primeira foi a **Pesquisa de perfil de público visitante da Pinacoteca - Você e o museu** (2002), anteriormente mencionada, na qual buscou-se entender quem era o público espontâneo naquele momento, ou seja, delinear a quem o museu servia, cujos resultados, entre outras coisas, vieram a fortalecer as práticas educativas inclusivas na Pinacoteca. Na segunda pesquisa, de **Expectativas e percepções do público do entorno em relação à Pinacoteca** (2007/2008), voltamos nosso olhar para fora do museu, buscando compreender o que os frequentadores do entorno na Pinacoteca pensam a respeito dela, o que vem gerando uma série de iniciativas institucionais voltadas à melhoria das condições de acesso ao museu.

A primeira indicou uma frequência de visitantes com alta escolaridade e renda familiar, além do fato de serem pessoas que não residem no entorno do museu. A segunda tornou mais concreta a percepção da descontinuidade das ações internas em relação aos frequentadores da região do museu, apontando lacunas que distanciam esses potenciais visitantes da Pinacoteca.

A fim de avaliar as ações educativas desenvolvidas pelo Programa, elaboramos instrumentos que permitem dar voz aos envolvidos diretos nas ações: os educadores do museu, os participantes e os responsáveis pelos grupos. Desenvolvemos, assim, um sistema triplo, que consiste em relatórios de caráter descritivo e analítico redigido pelos educadores do museu, e dois modelos de questionários, sendo um deles para os participantes e o outro para os educadores e/ou responsáveis pelos grupos. Um dos maiores desafios para a concepção dos instrumentos avaliativos foi o de contemplar a variedade e a subjetividade das experiências e aprendizados envolvidos nas dinâmicas, uma vez que as ações propostas pelo Programa ultrapassam os conteúdos artísticos

linguísticos, formais, técnicos e contextuais, na busca da valorização da experiência interpretativa e subjetiva do indivíduo no contato com a cultura. Assim, em busca de sistemas avaliativos compatíveis com esta proposta educativa, somamos às reflexões que vínhamos desenvolvendo as experiências avaliativas realizadas no Reino Unido, por meio dos *Generic Learning Outcomes* (Resultados Genéricos de Aprendizado), que propõem a ampliação dos modelos de avaliação para além da aquisição de conhecimento formal, incluindo também as formas de aprendizagem mais subjetivas, tais como o desenvolvimento de habilidades, de atitudes e valores, a promoção de prazer, inspiração e criatividade e a transformação de comportamento.¹⁵

4. Ação educativa extramuros: a partir de 2008 tivemos as condições necessárias para desenvolver uma iniciativa que há tempos nos interessava realizar: uma ação educativa extramuros, ou seja, uma ação educativa da Pinacoteca, mas que acontece principalmente fora do museu.¹⁶ Ela consiste em oficinas de arte desenvolvidas pelo Programa em duas casas de convivência para pessoas em situação de rua do centro de São Paulo, a Casa de Oração do Povo da Rua e a Casa Porto Seguro.

A ação educativa extramuros acontece junto a dois grupos de 15 adultos em situação de rua cada e se estrutura a partir de oficinas de artes semanais nas organizações parceiras e de visitas educativas regulares à Pinacoteca, conjugando prática e reflexão sobre a arte, assim como uma maior familiaridade com o museu. As oficinas são elaboradas e conduzidas pelo artista educador Augusto Sampaio, juntamente com a equipe do Programa. O trabalho foi organizado em diferentes módulos, partindo do desenho – incluindo recortes, colagens, registros de observação, de memória e de invenção – para chegar a técnicas gráficas como a monotipia, tipografia, serigrafia e

¹⁵ Para conhecer a proposta avaliativa dos *Generic Learning Outcomes*, pode-se acessar o site www.inspiringlearningforall.gov.uk

¹⁶ Esta ação é parte do Projeto Museu Para Todos, patrocinado pelo Santander.

xilogravura, com ênfase nesta última. Ao mesmo tempo, além das visitas educativas, ocorrem oficinas específicas para relacionar a criação de imagens com a criação de textos, propondo um diálogo entre ambos, dando visibilidade ao caráter linguístico na construção tanto de imagens quanto de textos de caráter poético.

Nosso interesse em realizar um projeto dessa natureza reside na possibilidade de aprofundar os vínculos com os grupos em situação de vulnerabilidade social do entorno do museu, e ao mesmo tempo experimentar uma abordagem educativa museológica que tenha o museu e o patrimônio como eixos condutores, mas que possa acontecer em outros espaços, de maneira radial e em conexão direta com o cotidiano dos grupos.

A escolha em desenvolver esta ação junto a grupos de adultos em situação de rua deveu-se à nossa percepção da reduzida existência de projetos educativos junto a grupos de adultos em vulnerabilidade social. Outro motivo se refere à questão dos grupos em situação de rua tradicionalmente frequentarem as áreas centrais das grandes cidades, ou seja, em nosso caso particular, serem vizinhos da Pinacoteca. Além disso, entendemos que, dos grupos em vulnerabilidade social, as pessoas em situação de rua estão entre aquelas que sofrem praticamente todas as formas de violação de seus direitos humanos, possuindo, conseqüentemente, poucas oportunidades de acesso a projetos educativos similares ao que propomos. Por sua vez, a seleção da linguagem artística a ser priorizada nas oficinas do projeto, a xilogravura, deveu-se à nossa percepção nos anos de trabalho do Programa com grupos de adultos em situação de rua, do fato de muitos deles serem descendentes ou migrantes de regiões do Nordeste do país. Com isto, pretendíamos nos aproximar de suas matrizes culturais, por meio dos folhetos de cordel, tradicionalmente ilustrados com estampas feitas em xilogravura. Além disso, a xilogravura é uma técnica gráfica que utiliza materiais e procedimentos próximos ao uso cotidiano e popular, como a madeira, a tinta tipográfica e as goivas, facas e formões, similares àqueles instrumentos usados em marcenarias e na realização de artesanato em madeira.

A fim de tornar pública essa ação, após 12 meses de trabalho, em março de 2009 inauguramos na Pinacoteca nossa primeira exposição de caráter educativo, intitulada “Convivência – ação educativa extramuros da Pinacoteca”. A exposição apresentou o processo desenvolvido com os dois grupos, suas etapas e alguns resultados materiais, por meio das produções dos participantes, além de textos explicativos, depoimentos e fotografias das etapas de trabalho. Nessa ocasião foram expostos cerca de 130 trabalhos das diferentes técnicas artísticas exploradas ao longo do ano, dando maior atenção à xilogravura. Além disso, foram montadas também duas mostras simultâneas, em versão reduzida, nas organizações de origem dos participantes e um pequeno catálogo foi produzido.

A continuidade dessa experiência expositiva ocorre por meio da manutenção dos painéis instalados nas duas organizações parceiras, que recebem periodicamente mostras dos novos trabalhos elaborados nas oficinas, por meio de uma seleção feita entre os educadores e os participantes do projeto. Em 2010, entre os desdobramentos da ação tivemos a itinerância de uma versão reduzida da exposição por museus do interior do estado de São Paulo, nas cidades de Brodowski, e Tupã, em parceria com o SISEM-Sistema Estadual de Museus da Secretaria de Estado da Cultura, e o Museu Casa de Portinari e Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuíre. O projeto ainda prevê a produção de um álbum e um catálogo com as gravuras elaboradas pelos participantes ao longo dos meses.

5.Publicações: no âmbito do Programa desenvolvemos duas publicações de propósitos distintos, um material de apoio a educadores e um livro de caráter avaliativo de nossas ações. A primeira é o *Arte+*, um material impresso para educadores sociais, elaborado a fim de ampliar e difundir as ações iniciadas com o curso, com foco na educação em arte e na educação patrimonial, com distribuição gratuita entre organizações sociais de todo o país, atualmente em sua segunda edição. O material conta com texto explicativo sobre temas como a participação do museu nos processos de inclusão

sociocultural, educação em museus, alguns conceitos de arte, entre outros, mais quatro reproduções de obras do acervo da Pinacoteca, contendo no verso sugestões educativas para a leitura da imagem e atividades práticas. Dada a heterogeneidade do público alvo do material (em grande parte sem uma formação específica na área de artes ou do patrimônio), sua elaboração foi pautada pela busca por um equilíbrio no tratamento dos conteúdos e na sua forma de apresentação, a fim de garantir sua inteligibilidade.¹⁷ A seleção de imagens reproduzidas deu-se a partir de nossa experiência prévia com os grupos, ou seja, selecionamos imagens que já haviam se mostrado potenciais para o trabalho com distintas faixas etárias, ou que recorrentemente interessavam aos grupos atendidos pelo Programa. Além disso, as propostas de leituras de imagens buscam dialogar com o repertório cultural dos grupos e estimular a construção de novos significados.¹⁸

A segunda publicação é o **Percorrer e registrar – reflexões sobre a ação educativa extramuros da Pinacoteca do Estado de São Paulo**¹⁹, na qual nos debruçamos sobre as práticas e experiências dos dois primeiros anos da ação educativa extramuros, por meio de textos dos educadores do museu, dos profissionais das casas de convivência parceiras, mais imagens das atividades, reproduções dos trabalhos dos participantes e alguns depoimentos dos mesmos sobre sua participação no projeto.

As ações do Programa de Inclusão Sociocultural propõem o desenvolvimento de experiências educativas e museológicas que reconheçam a perspectiva pública e socialmente atuante do museu. Sabemos e habitualmente vivenciamos a enorme distância existente entre a população em vulnerabilidade social e os equipamentos

¹⁷ Como afirma Lisa Roberts sobre os processos comunicativos nos museus: “... uma comunicação efetiva requer que se criem pontes entre o mundo dos especialistas e o mundo dos leigos, com uma linguagem que seja inteligível ao último sem ser uma deturpação do primeiro.” (ROBERTS, 1997, p. 67.)

¹⁸ Desde a primeira edição do material, em 2007, mais de 2.000 exemplares foram distribuídos gratuitamente a organizações sociais de todo o país.

¹⁹ AIDAR, 2010.

oficiais de cultura²⁰, assim assumimos a perspectiva que é de nossa responsabilidade estabelecer relações para que os contatos e diálogos entre essas duas instâncias, ou realidades, possam ocorrer.

Referências bibliográficas

AIDAR, Gabriela, “Museus e inclusão social”, in: **Patrimônio e Educação, Ciências & Letras - Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras**, n. 31, Porto Alegre, jan./jun. 2002.

AIDAR, Gabriela, “Perspectivas da formação de educadores sociais para a educação em museus”, **Revista Museu**, Artigos 18 de maio 2008 – Museus agentes de mudança social e desenvolvimento, <http://www.revistamuseu.com.br/18demaio/artigos.asp?ano=2008>

AIDAR, Gabriela (coord.) **Percorrer e registrar – reflexões sobre a ação educativa extramuros da Pinacoteca do Estado de São Paulo**. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2010.

CABRAL, Magaly (coord.), “Parcerias em educação e museus”. **Anais do III Encontro Regional da América Latina e Caribe – CECA/ICOM**, São Paulo: MAB/FAAP, 2006.

CENPEC/Equipe Educação e Comunidade, “A infância e adolescência no Brasil: a diversidade como meio de promover a equidade”, in: CARVALHO, Maria do Carmo Brandt de (coord.) **Avaliação: construindo parâmetros das ações socioeducativas**. São Paulo: CENPEC, 2005.

CHIOVATTO, Milene; AIDAR, Gabriela; SOARES, Luis Roberto; AMARO, Danielle. “Repensando a acessibilidade em museus: a experiência do Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca do Estado de São

²⁰ Segundo Frederico Barbosa da Silva, na coleção *Cadernos de Políticas Culturais*, “o consumo de bens culturais mantém relações estreitas com as desigualdades sociais e culturais. Não ser dotado de capital econômico implica alta probabilidade de desapossamento do gosto e dos hábitos de consumo de certos bens de cultura, ou seja, implica uma grande possibilidade de desapossamento cultural.” “Dessa forma os dispêndios culturais podem ser entendidos no quadro das configurações sociais específicas: extrema desigualdade de renda, desigualdades de escolarização e de acesso a equipamentos públicos que ofertem bens culturais. Além disso, se convive com uma produção simbólica que circula em aura de raridade, não pela sua raridade e genialidade intrínseca, mas em razão da falta de apoio institucionais consistentes. Nesse cenário, o bem cultural distante e produzido por especialista ganha um encanto que permite tanto sua sacralização quanto seu desprezo, dada a dificuldade para entendê-lo.” (MinC/IPEA, 2007, pp. 39 e 51.)

Paulo.” **Cadernos de Textos Diálogos entre Arte e Público**, Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2010.

CHIOVATTO, Milene e AIDAR, Gabriela. **Arte+**. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2009.

HOOPER-GREENHILL, Eilean (ed.). **The educational role of the museum**. Londres e Nova York: Routledge, 1994.

Ministério da Cultura/IPEA, coleção **Cadernos de Políticas Culturais. V. 3. Economia e política cultural: acesso, emprego e financiamento**, Brasília, 2007.

OLIVEIRA, Francisco de, “A questão do estado – vulnerabilidade social e carência de direitos”, **Cadernos Abong – As ONGs e a realidade brasileira** – 1, jun. 1995.

Revista Serviço Social & Sociedade, “Política Nacional de Assistência Social – versão oficial”, n. 80, encarte, nov. 2004.

ROBERTS, Lisa C. **From knowledge to narrative: educators and the changing museum**, Washington e Londres: Smithsonian Institution Press, 1997.